Os livros itinerantes de Dom Bosco

Em uma carta-circular, Dom Bosco escreveu em julho de 1885: "O bom livro entra até nas casas onde o sacerdote não pode entrar… Às vezes fica empoeirado sobre uma mesa ou em uma biblioteca. Ninguém pensa nele. Mas chega a hora da solidão, ou da tristeza, ou da dor, ou do tédio, ou da necessidade de recreação, ou da ansiedade do futuro, e esse fiel amigo larga o pó, abre suas páginas e…".

"Sem livros não há leitura e sem leitura não há conhecimento; sem conhecimento não há liberdade", leio na internet, sem saber se escrito por algum saudosista ou apaixonado por livros ou por algum bom conhecedor de Cícero.
Dom Bosco, por sua vez, assim que terminou seus estudos, tornou-se imediatamente escritor e alguns de seus livros se tornaram verdadeiros "best Sellers", com dezenas e dezenas de edições e reimpressões. Uma vez fundada a congregação, ele convidou seus jovens colaboradores a fazerem o mesmo, usando sua própria gráfica, instalada na mesma casa em Valdocco. Em uma época em que três quartos dos italianos eram analfabetos, ele escreveu na circular mencionada acima: "Um livro em uma família, se não for lido por aquele a quem se destina ou é dado, é lido pelo filho ou pela filha, pelo amigo ou pelo vizinho. Um livro em um país às vezes passa pelas mãos de uma centena de pessoas. Só Deus sabe o bem que um livro produz em uma cidade, em uma biblioteca circulante, em uma sociedade de trabalhadores, em um hospital, doado como penhor de amizade". E acrescentou: "Em menos de trinta anos, o número de arquivos ou volumes que distribuímos entre as pessoas chega a cerca de vinte milhões. Se alguns livros ficaram largados, outros tiveram uma centena de leitores, e assim o número de pessoas a quem nossos livros fizeram bem pode ser considerado, com certeza, muito maior do que o número de volumes publicados".

Com um pouco de imaginação, poderíamos dizer que, de alguma forma, a rede editorial de Dom Bosco hoje é precursora tanto do livro on-line, que está à disposição de todos para ser lido, caminhando sozinho, quase vagueando, quanto o "e-book", o único que, na crise contínua da leitura na Itália nos últimos anos, está atraindo novos compradores e novos leitores graças também ao seu baixo custo.

A concorrência

A concorrência para ler um livro é forte: hoje as pessoas passam horas e horas com os olhos fixos no Facebook, WhatsApp e Instagram, blogs e plataformas de todos os tipos para enviar e receber mensagens, ver e enviar fotos, assistir a filmes e ouvir música. Em si, todas essas coisas podem ser belas, boas e corretas, mas será que elas podem substituir a leitura de um bom livro?

Algumas dúvidas são legítimas. Em sua maior parte, as mídias sociais são promotoras de uma espécie de cultura do efêmero, do transitório, do fragmentário – mesmo sem pensar imediatamente na enxurrada de notícias falsas – em que cada nova comunicação elimina a anterior. Os próprios nomes dizem isso: SMS, "serviço de mensagens curtas", ou Twitter, "bird tweeting" [pássaro cantando], Instagram, ou seja, foto rápida postada na hora. Elas transmitem informações rápidas, compartilhamento muito breve de experiências e estados de espírito com pessoas com as quais você já está em contato. Livros, bons livros, por outro lado, aqueles que são pensados e meditados, são capazes de provocar perguntas, de nos fazer perceber profundamente a beleza encontrada na natureza e na arte em todas as suas formas, na solidariedade entre as pessoas, na paixão e no coração que colocamos em tudo o que fazemos. E não só isso, porque é justamente uma cultura geral ampla, proporcionada principalmente pelos livros de história, que oferece às classes dominantes a ductilidade, a capacidade de orientação, a amplitude de horizontes que, combinados com a competência, são necessários para fazer as escolhas de natureza geral e abrangente que lhes cabem. Estamos nos dando

conta do déficit de tal cultura nos dias de hoje.

A biblioteca de Dom Bosco

Dom Bosco, com a difusão de seus livros, com a biblioteca de Valdocco com 15.000 livros, com a sua tipografia, com as bibliotecas de cada casa salesiana, com uma série de salesianos que escreveram livros para os jovens, fez com que milhares de jovens crescessem como "honestos cidadãos e bons cristãos". Como é melancólico saber hoje que cerca de meio milhão de crianças na Itália frequentam escolas sem biblioteca! É claro que é mais fácil e mais imediatamente lucrativo construir novos supermercados, novos shopping centers, cinemas de última geração, cadeias multinacionais que lidam com tecnologia e inovação.

Livros de papel ou livros on-line – as bibliotecas de hoje, graças à tecnologia, oferecem serviços remotos interessantes de vários tipos – não faz diferença: desde que façam as pessoas crescerem em humanidade. Com uma condição, porém: que sejam legíveis e estejam disponíveis para todos, mesmo para os não nativos digitais, mesmo para aqueles que não têm as ferramentas de última geração, mesmo para aqueles que vivem em situações desfavoráveis. Dom Bosco escreveu o seguinte na carta acima mencionada: "Lembrem-se de que Santo Agostinho, que se tornou bispo, embora fosse um exaltado mestre das belas letras e um orador eloquente, preferia a impropriedade da linguagem e a falta de elegância do estilo ao risco de não ser compreendido pelo povo". É isso que os filhos de Dom Bosco continuam a fazer hoje, com livros, com folhetos populares, com vídeos e materiais postados na web, que continuam a circular, hoje como ontem, em todas as línguas, em todos os lugares, até os confins da terra.